ISSN 1809-9556
ARQUIVOS em MOVIMENTO
EEFD/UFRJ
FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO FUTEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Team Sports Games as a Pedagogical Practice for Teaching Soccer in School Physical Education

Juegos Deportivos Colectivos como Práctica Pedagógica para la Enseñanza del Fútbol en la Educación Física Escolar

Autor 1 Valdione dos Santos Ribeiro

Autor 2 Ubirajara de Oliveira

1.Graduado em Educação Física pela Faculdade de Vitória. Mestre em Educação Física pelo Programa Nacional de Mestrado em Rede (PROEF) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor de Educação Física efetivo do Estado do Espírito Santo

Orcid https://orcid.org/0009-0000-1437-1361

Lattes http//lattes.cnpq.br/8310807535123279

Email: valdione_johnny@hotmail.com

2.Graduado em Educação Física. Doutor pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Professor Adjunto IV da Unversisade Federal do Espírito Santo.

Orcid https://orcid.org/0000-0001-6249-2475

Lattes http://lattes.cnpq.br/3246220229295020

Submetido em 26 de junho de 2026
Primeira decisão editorial em 23 de agosto de 2026.
Segunda decisão editorial em 28 de setembro de 2026. Aceito em 09 de outubro de 2026

RESUMO: O futebol é o conteúdo esportivo mais solicitado nas aulas de Educação Física escolar, mas seu ensino frequentemente reproduz lógicas tecnicistas e excludentes, restringindo o aprendizado à repetição de gestos motores. Este estudo objetivou explorar os Jogos Esportivos Coletivos (JEC) como prática pedagógica para o ensino do futebol nos anos finais do Ensino Fundamental, identificando contribuições técnico-táticas e socioculturais dessa abordagem. Adotou-se a pesquisa-ação como metodologia, com participação de 35 alunos de duas turmas do 9º ano de uma escola municipal de Linhares/ES, durante o segundo trimestre de 2022. A intervenção foi estruturada em diagnose inicial, sequência progressiva de jogos e rodas de conversa, abordando eixos técnicos, táticos e socioculturais. Os dados foram produzidos por meio de observação estruturada, gravações em áudio e vídeo e diário de bordo, e analisados por análise de conteúdo. Os resultados indicaram evolução técnico-tática, maior engajamento e protagonismo estudantil, além de reflexões críticas sobre gênero, racismo e violência no esporte. Conclui-se que os JEC constituem alternativa pedagógica promissora para o ensino do futebol na escola, ao favorecer aprendizagens técnico-táticas e reflexões socioculturais.

Palavras-chave: Futebol. Jogos esportivos coletivos. Educação física escolar. Pesquisa-ação. Ensino fundamental.

ABSTRACT: Football is the most requested sport content in Physical Education classes, yet its teaching frequently reproduces technicist and exclusionary logics, limiting learning to the repetition of motor gestures. This study aimed to explore Collective Sports Games (CSG) as a pedagogical practice for teaching football in the final years of Elementary School, identifying technical-tactical and sociocultural contributions of this approach. Action research was adopted as a methodology, with 35 students from two 9th-grade classes at a municipal school in Linhares/ES participating during the second term of 2022. The intervention was structured in three stages: initial diagnosis, a progressive sequence of games, and conversation circles, addressing technical, tactical, and sociocultural axes. Data were produced through structured observation, audio and video recordings, and a field journal, and analyzed through content analysis. Results indicated technical-tactical improvement, greater student engagement and protagonism, and critical reflections on gender, racism, and violence in sport. It is concluded that CSG constitute a promising pedagogical alternative for teaching football at school, fostering technical-tactical learning and sociocultural reflection.

Keywords: Football. Collective sports games. School physical education. Action research. Elementary school.

RESUMEN: El fútbol es el contenido deportivo más solicitado en las clases de Educación Física escolar, pero su enseñanza frecuentemente reproduce lógicas tecnicistas y excluyentes, restringiendo el aprendizaje a la repetición de gestos motores. Este estudio tuvo como objetivo explorar los Juegos Deportivos Colectivos (JDC) como práctica pedagógica para la enseñanza del fútbol en los años finales de la Enseñanza Fundamental, identificando contribuciones técnico-tácticas y socioculturales de este enfoque. Se adoptó la investigación-acción como metodología, con la participación de 35 alumnos de dos grupos del 9º año de una escuela municipal de Linhares/ES, durante el segundo trimestre de 2022. La intervención se estructuró en diagnóstico inicial, secuencia progresiva de juegos y círculos de diálogo, abordando ejes técnicos, tácticos y socioculturales. Los datos fueron producidos mediante observación estructurada, grabaciones en audio y video y diario de campo, y analizados mediante análisis de contenido. Los resultados indicaron evolución técnico-táctica, mayor compromiso y protagonismo estudiantil, además de

reflexiones críticas sobre género, racismo y violencia en el deporte. Se concluye que los JDC constituyen una alternativa pedagógica prometedora para la enseñanza del fútbol en la escuela, al favorecer aprendizajes técnico-tácticos y la reflexión sociocultural.

Palabras clave: Fútbol. Juegos deportivos colectivos. Educación física escolar. Investigación-acción. Enseñanza fundamental.

Fontes de financiamento
Não há fontes de financiamento a declarar.

Conflito de interesses
Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Introdução

O futebol ocupa posição singular na cultura brasileira, sendo reconhecido como manifestação sociocultural de ampla repercussão na sociedade (DA MATTA et al., 1982; .). Segundo Da Matta et al. (1982), o esporte brasileiro é marcado por representações simbólicas que articulam identidade nacional, ascensão social e expressão coletiva, tornando-o muito mais do que uma prática esportiva: um fenômeno cultural multifacetado. No contexto escolar, essa centralidade se reflete na preferência dos alunos, visto que o futebol é o conteúdo mais solicitado nas aulas de Educação Física, ao mesmo tempo em que é um dos mais problemáticos do ponto de vista pedagógico (MACAGNAN; BETTI, 2014; SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010).

O ensino do futebol na escola frequentemente reproduz a lógica do esporte de rendimento, privilegiando os alunos mais habilidosos, reduzindo a prática à repetição de gestos técnicos isolados e negligenciando sua dimensão sociocultural (BORGES et al., 2017; LEITE, 2010). Daolio (2005) argumenta que ensinar futebol como cópia irrefletida do esporte de competição é privar os alunos de experiências mais ricas, tanto motoras quanto reflexivas. Para Leite (2010), o esporte na escola não deve ser entendido apenas como aquilo que se aprende de forma objetiva, mas também como o falar sobre as experiências e o entendimento do universo esportivo, envolvendo aspectos históricos, respeito às diferenças e inclusão de todos os alunos. A literatura converge nesse diagnóstico: quando o ensino dos jogos esportivos coletivos se limita à repetição de habilidades isoladas, o tempo gasto com a técnica pouco se converte em ganhos para o jogo, e a dimensão tática, que envolve a tomada de decisão, fica em segundo plano (GRAÇA; MESQUITA, 2006; BORGES et al., 2017).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, representou avanço

ao organizar os esportes de acordo com suas lógicas internas, reconhecendo as semelhanças estruturais entre modalidades coletivas e abrindo espaço para propostas metodológicas que superem o ensino analítico e fragmentado (BRASIL, 2017). Nessa perspectiva, os Jogos Esportivos Coletivos (JEC) emergem como referencial metodológico consolidado, capaz de articular aspectos técnicos, táticos e socioculturais do esporte, tomando o jogo como ponto de partida e de chegada do processo de ensino-aprendizagem (GARGANTA, 1995; GALATTI et al., 2014). Essa orientação dialoga com os modelos de ensino centrados no jogo. Na literatura nacional recente, Aquino e Menezes (2022) comparam os princípios pedagógicos tradicionais, de matriz tecnicista, com modelos contemporâneos como o Teaching Games for Understanding, a Educação Esportiva, a Pedagogia Não-Linear e a Pedagogia do Jogo, e Galatti et al. (2017) indicam que a iniciação esportiva deve centrar o ensino no aluno e partir do jogo, orientação que Scaglia et al. (2013) articulam à lógica do jogo e ao processo organizacional sistêmico dos esportes coletivos.

Os JEC fundamentam-se na compreensão de que os esportes coletivos possuem invariantes estruturais comuns: bola ou implemento similar, espaço de jogo, parceiros, adversários, alvo a atacar e a defender e regras específicas, o que possibilita um tratamento pedagógico unificado e facilita a transferência de aprendizados entre diferentes modalidades (GARGANTA, 1995). Ao contrário do modelo tecnicista, que separa os elementos técnicos e táticos, cabendo ao aluno unificá-los, os JEC propõem situações-problema que demandam cooperação, tomada de decisão e pensamento tático coletivo desde o primeiro momento do processo pedagógico (GALATTI et al., 2014; PAES; BALBINO, 2005).

Para além dos aspectos motores, o ensino do futebol a partir dos JEC abre espaço para a discussão de questões socioculturais que atravessam o esporte, como as relações de gênero, o racismo e a violência (BANDEIRA; SEFFNER, 2013; GOELLNER, 2005). Bandeira e Seffner (2013) enfatizam que o futebol ainda é percebido como espaço de hegemonia masculina, excluindo mulheres e indivíduos que não se enquadram no padrão hegemônico de masculinidade. No ambiente escolar, esse quadro aparece na ideia, ainda presente na prática docente, de que meninas não gostam de suar e meninos são habilidosos no jogo, o que interfere nas formas de participação de meninas e meninos nas aulas (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; ALTMANN, 2015). Dados nacionais mostram, ainda, que classe e raça atravessam a adesão das mulheres ao futebol de modo distinto do que ocorre com mulheres praticantes de outros esportes (MARTINS; SILVA; VASQUEZ, 2021). A superação dessas lógicas excludentes é condição para que as aulas de Educação Física se constituam como espaço de formação cidadã (LEITE, 2010; GONÇALVES;

GONZÁLEZ; BORGES, 2019).

Considerando esse quadro, este estudo teve como objetivo explorar os JEC como prática pedagógica para o ensino do futebol nos anos finais do Ensino Fundamental, identificando contribuições técnico-táticas e socioculturais dessa abordagem.

Debate Teórico: Jogos Esportivos Coletivos, Pedagogia do Esporte e Dimensão Sociocultural

Os JEC, enquanto referencial metodológico para o ensino dos esportes coletivos na escola, têm suas raízes na crítica ao modelo tecnicista predominante na Educação Física brasileira. Garganta (1995) propõe que o ensino dos JEC deve centrar-se no "o que fazer", "como fazer", "quando fazer" e "o porquê de fazer", situando o jogo, e não os gestos técnicos isolados, como eixo central do processo pedagógico. Essa perspectiva rompe com a lógica da sequência analítica clássica (aprender o gesto para depois jogar), propondo que o jogo seja simultaneamente ponto de partida e de chegada do ensino.

Galatti et al. (2014) avançam nessa discussão ao relacionar a Pedagogia do Esporte com os princípios dos JEC, propondo que o ensino esportivo na escola deve contemplar três dimensões indissociáveis: a técnica (habilidades motoras específicas), a tática (tomada de decisão e organização coletiva) e a sociocultural (valores, identidades e reflexões críticas sobre o esporte como fenômeno social). Nesse sentido, o ensino não se resume ao domínio das habilidades motoras, mas envolve a compreensão do futebol como prática cultural atravessada por relações de poder, pertencimento e identidade. Na mesma direção, González e Bracht (2012) defendem que, pela lógica interna dos esportes coletivos, a dimensão tática deve receber atenção central no ensino, e não apenas as técnicas isoladas, e Borges et al. (2017) mostram, em pesquisa-ação com professores, que mudar essa concepção é possível, embora exija estudo teórico e experimentação prática.

Paes e Balbino (2005) denominam essa abordagem como pedagogia do esporte baseada na complexidade, em que da desordem inicial emerge uma nova ordem de compreensão tática e técnica. O princípio de progressão pedagógica dos jogos mais simples e inclusivos aos mais complexos e específicos é central nessa proposta e dialoga diretamente com as diretrizes da BNCC (BRASIL, 2017), que reconhece as semelhanças estruturais entre os esportes de invasão e orienta o tratamento pedagógico integrado dessas modalidades.

No campo sociocultural, Goellner (2005) e Franzini (2005) reforçam que o futebol no Brasil é historicamente marcado por processos de exclusão de gênero, e Martins, Silva e Vasquez

(2021) mostram que classe e raça também atravessam a adesão das mulheres à modalidade. A proibição legal da prática feminina do futebol, iniciada com o Decreto-Lei nº 3.199/1941, que vedava às mulheres os esportes incompatíveis com sua suposta natureza, foi reforçada em 1965 por deliberação do Conselho Nacional de Desportos (CND), que citava o futebol de forma expressa. Só foi revogada em 1979, e a modalidade foi regulamentada em 1983. Esse percurso exemplifica a dimensão estrutural dessas exclusões (BRASIL, 1941; GOELLNER, 2005). Revisitar essa história com os alunos, articulando-a às vivências do presente, é um caminho para fazer das aulas de Educação Física um espaço de formação cidadã, como propõem Leite (2010) e Gonçalves, González e Borges (2019).

Freire (2011) alerta que a escola, em sua estrutura atual, não costuma acolher o jogo com boa vontade, por percebê-lo como não pedagógico. Superar essa resistência implica reconhecer o potencial formativo do jogo não apenas como veículo de aprendizagem motora, mas como espaço de elaboração de valores, identidades e formas de estar no mundo. É nesse sentido que os JEC se afirmam como alternativa pedagógica capaz de articular o ensino do futebol com a formação integral dos estudantes.

Métodos

Caracterização do estudo e participantes

Adotou-se a pesquisa-ação como abordagem metodológica por sua capacidade de articular produção de conhecimento e transformação da prática pedagógica de forma colaborativa e reflexiva. Conforme Thiollent (2009, p. 16), esse tipo de investigação corresponde a uma pesquisa social com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisador e participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo, numa relação voltada à resolução de problemas concretos da prática. Na Educação Física, a pesquisa-ação tem sido empregada tanto na formação continuada de professores para o ensino dos jogos esportivos coletivos (BORGES et al., 2017) quanto na implementação de unidades didáticas de futebol com turmas dos anos finais (BARRETO et al., 2023).

Tripp (2005) descreve o ciclo característico desse tipo de investigação: planejar uma melhora da prática, agir para implantá-la, descrever os efeitos da ação e avaliar os resultados, ciclo que orientou a (re)construção das aulas junto aos alunos.

O estudo foi realizado no segundo trimestre letivo de 2022 (junho a agosto) na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Baixo Quartel, localizada em Linhares/ES. A escola

não possuía quadra própria, utilizando para as aulas uma quadra poliesportiva comunitária no entorno, o que conferiu ao estudo um contexto de adversidade estrutural relevante para a compreensão dos resultados.

Participaram 35 alunos de duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, 9º A (matutino) e 9º B (vespertino), com idades entre 14 e 16 anos. A escolha do 9º ano justifica-se por dois motivos: a maturidade dos alunos para debater as questões socioculturais propostas e o pressuposto de que, por terem chegado ao último ano dos anos finais, possuíam histórico mais consolidado de vivências na Educação Física. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 52342921.4.0000.5542), todos os responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e os alunos assinaram o Termo de Assentimento.

Estrutura da intervenção pedagógica

A intervenção pedagógica foi estruturada em três etapas sequenciais e articuladas. A primeira etapa (diagnose inicial) compreendeu: (a) um jogo interativo de perguntas e respostas, que avaliou os conhecimentos dos alunos sobre aspectos técnicos, táticos e socioculturais do futebol; e (b) um jogo livre de futebol com mínima interferência docente, com o propósito de confrontar os discursos dos alunos com suas atitudes práticas. A escolha do jogo interativo, em detrimento de questionário escrito convencional, visou reduzir o risco de respostas politicamente corretas desvinculadas da opinião real dos participantes.

A segunda etapa (intervenção com JEC) consistiu em uma sequência de jogos progressivos, fundamentada nos princípios dos JEC (GARGANTA, 1995; GALATTI et al., 2014) e organizada em três eixos temáticos identificados na diagnose: (i) aspectos técnicos do futebol; (ii) aspectos táticos; e (iii) aspectos socioculturais: gênero, racismo e violência. Para cada eixo, foram planejadas duas semanas de aulas, com flexibilidade para ampliação conforme o desenvolvimento das turmas. Os jogos foram progressivamente adaptados em termos de regras, espaço e número de participantes, em consonância com o princípio de desmontagem do jogo em unidades funcionais proposto por Garganta (1995).

A terceira etapa (rodas de conversa) foi realizada ao final de cada ciclo temático, possibilitando que os alunos refletissem coletivamente sobre as vivências, confrontassem atitudes e discursos, e construíssem posicionamentos mais críticos sobre o futebol como fenômeno cultural.

Instrumentos e análise de dados

Os dados foram produzidos por meio de: roteiro de observação estruturado, com foco nos

aspectos cognitivos, socioafetivos e técnicos; gravações em áudio e vídeo de todas as aulas e rodas de conversa; e diário de bordo do professor-pesquisador. A triangulação desses instrumentos permitiu confrontar as observações em tempo real com os registros posteriores, reduzindo o viés decorrente do duplo papel do professor-pesquisador.

Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo, articulando os registros observacionais e as falas dos alunos com a literatura especializada (BARDIN, 2011). As categorias de análise emergiram dos próprios eixos temáticos da intervenção: técnico-tático, gênero, racismo e violência. As falas dos alunos reproduzidas neste artigo são identificadas por iniciais fictícias para preservar o anonimato dos participantes.

A análise seguiu as três fases dessa técnica. Na pré-análise, as gravações das aulas e das rodas de conversa foram transcritas pelo professor-pesquisador e reunidas ao seu diário de bordo e aos roteiros de observação, compondo o corpus, que foi lido de modo exaustivo para identificar episódios de jogo, falas e interações relacionados aos objetivos do estudo. Na exploração do material, esses trechos foram recortados como unidades de registro (uma fala, uma ação ou um episódio de jogo) e codificados manualmente, também pelo professor-pesquisador, segundo os eixos da intervenção, o que resultou nas categorias técnico-tática, gênero, racismo e violência. A codificação e as categorias foram então validadas pelos autores. No tratamento e na interpretação, as unidades de cada categoria foram comparadas entre as turmas (9º A e 9º B) e ao longo das etapas, da diagnose às rodas de conversa, e confrontadas com a literatura da Pedagogia do Esporte e dos estudos de gênero e raça.

A confrontação entre as observações feitas em tempo real, os registros audiovisuais e o diário de bordo serviu como critério de checagem das interpretações. Como o estudo não contou com instrumento padronizado de avaliação do desempenho de jogo antes e depois da intervenção, a evolução técnico-tática é descrita de modo interpretativo, a partir da comparação entre o jogo livre da diagnose e as situações de jogo observadas nas etapas seguintes.

Resultados e Discussão

Diagnose inicial: entre o discurso e a prática

O jogo interativo de diagnose revelou que os alunos possuíam conhecimento superficial sobre o futebol: identificavam as regras mais básicas, mas apresentavam dificuldades com modalidades relacionadas, como o futsal. Nos aspectos socioculturais, as respostas tenderam ao politicamente correto: a maioria declarou que o futebol é para qualquer pessoa, mas os alunos

revelaram timidez ao expressar opiniões sobre racismo e machismo, sugerindo que os temas eram percebidos como potencialmente constrangedores no ambiente escolar.

O jogo livre de futebol expôs de forma contundente a contradição entre discurso e prática. No 9º A, os times foram formados por meio de escolha direta: os meninos foram selecionados primeiro, enquanto as meninas foram deixadas por último, com hesitação visível por parte dos seletores. No 9º B, nenhum aluno tomou a iniciativa de organizar os times, até que duas meninas assumiram a liderança. Durante o jogo, a maioria dos alunos apresentou dificuldades técnicas elementares, como controle de bola e passe. Essa realidade dialoga com Faria (2014), que aponta a escassez de intervenções pedagógicas nas práticas futebolísticas das aulas, e com Macagnan e Betti (2014), para quem o modo como o futebol é desenvolvido na escola constrói e realimenta as representações dos alunos sobre a modalidade.

A expressão de uma aluna "jogaria se eu soubesse" sintetiza a contradição entre o imaginário do "país do futebol" e a realidade de alunos que chegam ao 9º ano sem vivência sistematizada no esporte. Esse dado contraria o pressuposto, adotado na escolha do 9º ano, de que os estudantes teriam histórico mais consolidado de vivências na Educação Física. Essa constatação é coerente com a perspectiva de Freire (2011), para quem a genética não pode ser o único fator determinante para o aprendizado esportivo e aqueles que sabem muito pouco ou nada de futebol devem receber toda a atenção até que aprendam o suficiente. O diagnóstico legitimou, portanto, as escolhas pedagógicas da intervenção: uma abordagem que partisse das experiências reais dos alunos, articulando de forma integrada aspectos técnico-táticos e socioculturais, conforme preconizam Galatti et al. (2014), Garganta (1995) e Santos Júnior, Furtado e Borges (2023), segundo os quais a intervenção deve partir do jogo e avançar em grau progressivo nos aspectos tático-técnicos, com contextualização sociocultural e reflexão constante.

Aspectos técnicos: do jogo adaptado ao fundamento integrado

A sequência de jogos para o desenvolvimento dos aspectos técnicos foi iniciada com a Bola Queimada, adaptada para enfatizar os fundamentos do futebol (passe, recepção e controle de bola). A escolha deliberada de um jogo não diretamente relacionado ao futebol teve dois objetivos: reduzir as resistências iniciais, especialmente das alunas, que relataram não jogar futebol por falta de habilidade, e criar um ambiente mais inclusivo, no qual todos partissem de um grau semelhante de familiaridade com a modalidade.

O jogo mostrou-se produtivo ao promover, de forma integrada, o desenvolvimento técnico

e a percepção coletiva, segundo os registros de observação e as falas dos alunos nas rodas de conversa. Ao identificar que tocar a bola entre os companheiros era a estratégia mais eficiente para avançar até a zona segura, os alunos compreenderam a lógica do passe sem que essa habilidade fosse ensinada de forma isolada. Esse processo está em consonância com a proposta de desmontagem do jogo em unidades funcionais de Garganta (1995), que desloca o foco do gesto isolado para a compreensão do jogo, e com a perspectiva de Daolio (2005), que critica o ensino fragmentado dos esportes, no qual se ensinam movimentos desvinculados das razões de fazê-los.

Ao longo das aulas, os alunos passaram a utilizar como estratégia de defesa o passe rápido entre os companheiros para aproximar-se da zona salva, sugerindo que o desenvolvimento técnico e a inteligência tática emergiram de forma simultânea e integrada, resultado coerente com a proposta de Paes e Balbino (2005), em que a desordem inicial dá lugar a uma nova ordem de compreensão.

Aspectos táticos: do jogo possível ao jogo estratégico

Para o desenvolvimento dos aspectos táticos, foi proposto o jogo Guerra de Invasão, derivado do pique-bandeira e progressivamente adaptado para enfatizar os princípios de ataque e defesa presentes nos esportes de invasão. A introdução gradual de novos elementos, como a redução da zona de marcação, a inserção de múltiplas bases e a variação do número de jogadores, promoveu um aumento progressivo da complexidade tática, estimulando a organização coletiva e a tomada de decisão estratégica, em consonância com o princípio dos JEC de que os praticantes devem ser confrontados permanentemente com situações-problema de crescente complexidade (GARGANTA, 1995; GALATTI et al., 2014).

Os resultados demonstraram que os alunos desenvolveram a capacidade de elaborar e executar esquemas ofensivos coletivos. Um grupo utilizou ataque simultâneo em múltiplos pontos para desequilibrar a marcação adversária, enquanto outro adotou estratégia defensiva após garantir vantagem, indicando raciocínio tático semelhante ao mobilizado no futebol. Nas rodas de conversa, os próprios alunos identificaram a equivalência entre as estratégias do jogo e as utilizadas no futebol: "No futebol a melhor maneira de fazer um gol é manter a bola no campo de ataque e tentar achar uma brecha na defesa e atacar num movimento rápido e assim nós fizemos" (Aluno, 9º A, diário de bordo, 2022). Esses episódios ilustram a mudança, mas os registros não permitem estimar quantos alunos a alcançaram nem com que consistência.

Esse desenvolvimento é consistente com o que Galatti et al. (2014) e Reverdito, Scaglia e

Paes (2009) descrevem como capacidade estratégico-tática nos JEC: a habilidade de perceber, elaborar e resolver situações-problema em contexto de imprevisibilidade, articulando estratégia (previsão antecipada), tática (comportamento instantâneo de adaptação) e técnica (habilidade motora especializada). A mediação docente parece ter sido central nesse processo: conforme Garganta (1995), o professor deve assegurar que o jogo permaneça desafiador e que os alunos compreendam os princípios que regulam a aprendizagem, sem, contudo, reduzir o jogo a tarefas fechadas desprovidas de incerteza.

Aspectos socioculturais: gênero, racismo e violência

A abordagem dos aspectos socioculturais revelou-se o núcleo mais desafiador e, ao mesmo tempo, mais formativo da intervenção. O ponto de partida foi a solicitação aos alunos que montassem um time feminino de futebol: eles conseguiram nomear apenas três jogadoras (Marta, Cristiane e Formiga), revelando a invisibilidade das mulheres no futebol no imaginário dos adolescentes. Esse resultado dialoga com o processo histórico de exclusão das mulheres do futebol brasileiro, retomado no referencial teórico (BRASIL, 1941; GOELLNER, 2005), e mostra que essa invisibilidade persiste entre estudantes nascidos mais de duas décadas depois da regulamentação da modalidade.

Esse quadro se aproxima da análise de Bandeira e Seffner (2013), para quem o futebol é uma instituição masculina que produz e hierarquiza masculinidades, de modo que quem destoa do modelo hegemônico tende a ser marginalizado. Esse comportamento apareceu na diagnose: os meninos foram escolhidos primeiro para os times, enquanto as meninas foram deixadas por último. A exibição de fragmento do vídeo da aula diagnóstica gerou reflexão significativa: os alunos reconheceram a contradição entre o discurso "futebol é para qualquer um" e as atitudes práticas. Um aluno declarou: "As meninas daqui da sala nunca jogaram bola com a gente..." (Aluno Ma, 9º A, diário de bordo, 2022), sugerindo que a exclusão não era percebida como discriminação, mas como naturalidade.

Nas aulas subsequentes, as meninas foram gradualmente incorporadas às atividades. Em algumas situações, alunos assumiram papel ativo na promoção dessa inclusão, indicando um processo de transformação de valores coerente com os objetivos formativos dos JEC (GALATTI et al., 2014), que buscam educar por meio do esporte, e não apenas para o esporte. Esse resultado dialoga com a perspectiva de Leite (2010), para quem o ensino do esporte na escola deve confrontar os valores que o tornam excludente com os valores da participação, do respeito e do lúdico. Como não houve registro sistemático da frequência e da qualidade da participação das meninas, não é

possível afirmar em que medida essa incorporação se manteve fora das aulas da intervenção, o que importa porque o gênero atravessa a prática docente e as formas de participação de meninas e meninos (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011).

A abordagem do racismo no futebol foi realizada a partir de casos concretos veiculados pela mídia, como o episódio em que o goleiro Aranha foi alvo de ofensas racistas da torcida durante partida entre Grêmio e Santos, em 2014 (BANDEIRA; SEFFNER, 2015). O tema é apontado como pertinente à Educação Física escolar (FIGUEREDO; CRUZ, 2021). A estratégia de partir de situações reais favoreceu o engajamento dos alunos e a superação de respostas superficiais, gerando, segundo os registros das rodas de conversa, debate mais crítico sobre as estruturas de discriminação presentes no esporte. Daolio (2005) aponta que a popularização do futebol no Brasil foi acompanhada por processos históricos de exclusão racial, como a prática de embranquecer com pó de arroz os jogadores negros nos primeiros anos do esporte no país (FILHO, 2003), e que revisitar essa história com os alunos contribui para uma compreensão mais profunda do fenômeno esportivo.

Um episódio de conflito físico entre dois alunos durante o jogo Guerra de Invasão abriu espaço para discussão sobre violência no esporte. Os alunos identificaram a relação entre o imaginário de permissividade do espaço esportivo, expresso na frase "tudo é calor do momento", e os comportamentos violentos nos estádios, o que dialoga com a análise de Bandeira e Seffner (2013) sobre a naturalização de formas de violência, sobretudo verbais, nesses espaços. A seguinte fala sintetiza a percepção dos alunos sobre o papel da Educação Física no cotidiano escolar: "A gente chega e vem direto pra sala de aula e ficamos sentados até a hora do recreio (...). Quando chega a aula de Educação Física a gente quer poder mais do que apenas copiar" (Aluna A.La., 9º B, diário de bordo, 2022).

Tal relato aponta que o espaço das aulas de Educação Física é percebido pelos alunos como o único momento de maior liberdade corporal no cotidiano escolar, o que demanda atenção pedagógica específica para que essa liberdade não se converta em permissividade. Freire (2011) já advertia que a escola tende a desconfiar do jogo, associando-o à desordem, o que reforça a necessidade de uma mediação docente intencional. A mediação do professor na discussão sobre violência foi, portanto, não apenas pedagógica, mas formativa: ao confrontar os alunos com suas próprias contradições, o professor promoveu reflexões que extrapolaram o espaço esportivo e alcançaram dimensões mais amplas da vida social.

No conjunto, os resultados sugerem que os JEC, quando articulados a uma proposta

pedagógica intencional e progressiva, podem promover aprendizagens que transcendem os aspectos motores. Garganta (1995) pontua que os JEC são formadores por excelência, pois proporcionam situações e problemas a serem solucionados em grupo, tal qual no convívio social para além do esporte e da escola. Os resultados desta pesquisa vão ao encontro dessa perspectiva: a evolução técnico-tática observada foi acompanhada por transformações nas relações interpessoais, na percepção de si como parte de um coletivo e na capacidade crítica de analisar o futebol como fenômeno cultural, o que constitui o sentido mais profundo do ensino do esporte na escola (LEITE, 2010; GALATTI et al., 2014). Achados convergentes foram descritos por Barreto et al. (2023), que, em pesquisa-ação com uma turma do 8º ano, relataram experiências inclusivas e acesso à dimensão sociocultural do futebol por meio de uma unidade didática de 12 aulas.

Alcances e limites dos resultados

Os achados desta pesquisa pedem cautela na leitura. A evolução técnico-tática foi descrita de modo interpretativo, a partir da comparação entre o jogo livre da diagnose e as situações de jogo observadas nas etapas seguintes, sem um instrumento padronizado de avaliação do desempenho antes e depois da intervenção. Também não foi possível estimar quantos alunos alcançaram as mudanças relatadas nem se elas se mantiveram depois das aulas, já que o acompanhamento ficou restrito ao segundo trimestre letivo. O duplo papel do professor-pesquisador, mesmo com a triangulação dos registros, pode ter influenciado as falas dos estudantes, que já na diagnose tenderam ao politicamente correto. A transcrição e a codificação foram feitas pelo próprio professor-pesquisador e validadas apenas pelos autores, sem avaliação externa. A literatura nacional sobre modelos centrados no jogo destaca, ainda, a importância do ambiente de aprendizagem e da mediação do professor (AQUINO; MENEZES, 2022), o que reforça a cautela na interpretação dos ganhos observados. Por fim, o engajamento nos debates sobre gênero, racismo e violência dependeu em boa medida da mediação docente, de modo que o efeito observado decorre da proposta pedagógica em conjunto com a forma como foi conduzida, e não dos JEC isoladamente.

Conclusões

O objetivo de explorar os JEC como prática pedagógica para o ensino do futebol nos anos finais do Ensino Fundamental, identificando contribuições técnico-táticas e socioculturais, foi alcançado. No plano técnico-tático, os registros indicam que o jogo adaptado levou os alunos a compreender a lógica do passe e a elaborar estratégias coletivas de ataque e defesa. No plano

sociocultural, a intervenção permitiu que as turmas reconhecessem a contradição entre o discurso de que o futebol é para todos e a exclusão das meninas na prática, e abriu espaço para debater racismo e violência no esporte. Nesses limites, os JEC mostraram-se uma alternativa pedagógica promissora para integrar essas dimensões, em contraposição à lógica tecnicista e excludente que ainda predomina no ensino esportivo escolar.

Como principal contribuição, destaca-se que a progressão pedagógica adotada, da diagnose à intervenção, do jogo técnico ao jogo tático, dos aspectos motores aos aspectos socioculturais, mostrou-se coerente com os princípios dos JEC e adequada ao contexto investigado. O protagonismo estudantil emergiu como resultado central do processo, manifestando-se tanto na criação de estratégias coletivas de jogo quanto nas reflexões críticas sobre gênero, racismo e violência no futebol. Para o campo, o estudo oferece uma sequência de jogos e de rodas de conversa que pode ser adaptada por outros professores, inclusive em escolas sem quadra própria, e acrescenta à literatura um registro empírico que articula o ensino técnico-tático do futebol às discussões de gênero, racismo e violência.

Como limitação, destaca-se o contexto específico da pesquisa, uma escola sem quadra própria e com histórico de pouca vivência esportiva dos alunos, o que pode restringir a generalização dos resultados. Somam-se a isso a ausência de medidas padronizadas de desempenho antes e depois da intervenção, o acompanhamento restrito a um trimestre e o duplo papel do professor-pesquisador. Recomenda-se que pesquisas futuras investiguem a aplicação dos JEC em diferentes etapas da Educação Básica e em contextos socioculturais distintos, bem como a elaboração de instrumentos de avaliação específicos para essa abordagem e o acompanhamento da participação das meninas e da permanência das aprendizagens após a intervenção.

Referências

ALTMANN, H. *Educação física escolar*: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491-501, maio/ago. 2011. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/381/38119942012.pdf. Acesso em: 2 out. 2026.

AQUINO, R. L. Q. T.; MENEZES, R. P. Abordagens tradicionais e centradas no jogo para o ensino dos esportes coletivos de invasão: um ensaio teórico. *Conexões*, Campinas, v. 20, e022006, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8666344. Acesso em: 2 out. 2026.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, Toledo, ano 14, n. 29, p. 246-270, 2013. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/10426/7524/37425. Acesso em: 2 out. 2026.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. O caso Aranha entre o legítimo e o ilegítimo de ser cantado nos estádios de futebol. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 10, n. 26, p. 1-23, 2015. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/download/48459/28223/165862. Acesso em: 2 out. 2026.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, M. S. G.; THIENGO, C. R.; RAMOS, G. N. S.; SOUZA JÚNIOR, O. M. Jogando e pensando os futebóis nas aulas de Educação Física. *Corpoconsciência*, Cuiabá, v. 27, e16579, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.51283/rc.27.e16579. Acesso em: 2 out. 2026.

BORGES, R. M.; GONZÁLEZ, F. J.; GAYA, A. C. A.; GALATTI, L. R. Diálogos sobre o ensino dos esportes: formação continuada por meio da pesquisa-ação. *Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 1025-1038, jul./set. 2017. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115352985018. Acesso em: 2 out. 2026.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1941.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 23 jun. 2026.

DA MATTA, R. et al. *Universo do futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAOLIO, J. *(org.). Futebol,cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. p.3-19.

FARIA, E. L. Quando "rola a bola": reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 501-513, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0101-32892014000200015. Acesso em: 2 out. 2026.

FIGUEREDO, M. F.; CRUZ, M. M. S. Futebol e racismo: algumas reflexões no âmbito da educação física escolar. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade*, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 1-18, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.22481/reed.v2i5.7632. Acesso em: 2 out. 2026.

FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0102-01882005000200012. Acesso em: 2 out. 2026.

FREIRE, J. B. *Pedagogia do futebol*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

GALATTI, L. R.; BETTEGA, O. B.; PAES, R. R.; REVERDITO, R. S.; SEOANE, A. M.; SCAGLIA, A. J. O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 639-654, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5216/rpp.v20i3.39593. Acesso em: 2 out. 2026.

GALATTI, L. R.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; SEOANE, A. M. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i1.21088. Acesso em: 23 jun. 2026.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (org.). *O ensino dos jogos desportivos*. Porto: FCDEF-UP, 1995. p. 11-25.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005. Acesso em: 23 jun. 2026.

GONÇALVES, G. H. T.; GONZÁLEZ, F. J.; BORGES, R. M. R. O esporte nos anos finais do Ensino Fundamental: entre o que se ensina e o que se aprende. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 22, e54773, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.5216/rpp.v22.54773. Acesso em: 23 jun. 2026.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. Modelos de ensino dos jogos desportivos. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 269-283.

LEITE, C. O esporte na escola: o que é preciso aprender sobre o que se aprende pelo esporte. In: SILVA, M. R. (org.). *Esporte, educação, estado e sociedade*. Chapecó: Argos, 2010. p. 143-164.

MACAGNAN, L. D. G.; BETTI, M. Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 315-327, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-55092014000200315. Acesso em: 23 jun. 2026.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, v. 27, e27006, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1982-8918.109328. Acesso em: 23 jun. 2026.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro:

Guanabara Koogan, 2005.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.5016/2478. Acesso em: 23 jun. 2026.

SANTOS JÚNIOR, O. G.; FURTADO, R. S.; BORGES, C. N. F. Pedagogia do esporte: indicativos para a prática de ensino do futsal. *Corpoconsciência*, Cuiabá, v. 27, e14100, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.51283/rc.v27i2.14100. Acesso em: 2 out. 2026.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; LEONARDO, L.; LIZANA, C. J. R. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. Refletindo sobre a tematização do futebol na educação física escolar. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 920-930, 2010.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009. Acesso em: 23 jun. 2026.